

# Saberes linguísticos cotidianos no Instagram: uma análise de publicações sobre linguagem inclusiva de gênero

**Laís Virginia Alves MEDEIROS<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil;  
| [lais.v.medeiros@gmail.com](mailto:lais.v.medeiros@gmail.com); | <https://orcid.org/0000-0003-3467-8066>

**Resumo:** Este artigo apresenta análises de pesquisa de pós-doutoramento no campo da História das Ideias Linguísticas em diálogo com a Análise do Discurso de linha materialista. Com base na reflexão de Ferreira (2020) sobre saberes linguísticos cotidianos, são analisados materiais coletados na rede social Instagram que discutem a linguagem inclusiva de gênero, procurando compreender como estes produzem saberes sobre a língua. Da análise, conclui-se que há conhecimentos científicos já consolidados no campo da Linguística que são reproduzidos pelos saberes linguísticos cotidianos e mobilizados como argumentos para diferentes conclusões, corroborando o atravessamento, nas reflexões metalinguísticas, entre conhecimentos especializados e não especializados.

**Palavras-chave:** Saberes linguísticos cotidianos. Linguagem inclusiva de gênero. História das ideias linguísticas.

---

## **Connaissances linguistiques quotidiennes sur Instagram : une analyse des publications sur le langage inclusif**

**Résumé:** Cet article présente des analyses issues d'une recherche postdoctorale dans le domaine de l'Histoire des idées linguistiques, en dialogue avec l'Analyse du Discours matérialiste. À partir de la réflexion de Ferreira (2020) sur les connaissances linguistiques quotidiennes, les matériaux collectés sur le réseau social Instagram qui traitent du langage inclusif au genre sont analysés, cherchant à comprendre comment ils produisent des connaissances sur la langue. De l'analyse, on conclut qu'il existe déjà des connaissances scientifiques consolidées dans le domaine de la linguistique qui sont reproduites par les connaissances linguistiques quotidiennes et mobilisées comme arguments pour différentes conclusions, corroborant ainsi le croisement, dans les réflexions métalinguistiques, entre connaissances spécialisées et non spécialisées.

**Mots-clés :** Connaissances linguistiques quotidiennes ; Langage inclusif ; Histoire des idées linguistiques.

## **| Introdução**

Neste artigo, voltamos o olhar para diferentes reflexões produzidas sobre a linguagem inclusiva de gênero, compreendida como sugestões de alteração de estruturas morfológicas e sintáticas da língua a fim de não tomar a forma masculina como neutra, dando visibilidade linguística às identidades de gênero femininas e não binárias. Nossa entrada de análise se articula ao referencial teórico adotado, qual seja, o da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise do Discurso de linha materialista: ao selecionar publicações da rede social Instagram agrupadas sob *hashtags* que fazem referência à linguagem inclusiva de gênero (também denominada linguagem neutra e linguagem não binária), procuramos refletir sobre os saberes linguísticos cotidianos, conforme propostos por Ferreira (2020), compreendendo, junto a Oliveira Souza (2023), o funcionamento dessas publicações como instrumentos linguísticos eventuais. Além disso, nossas análises também se voltam à compreensão de como tais materiais articulam coisas a saber (Pêcheux, 2002; Esteves, 2014) sobre língua e gênero.

Para tanto, adotamos o seguinte percurso no texto: a seção seguinte apresenta mais detidamente o referencial adotado; na sequência, é apresentado o arquivo construído para a análise, seguido das análises dos recortes selecionados. Por fim, são apresentadas as considerações finais, com reflexões ensejadas a partir das análises.

## **| Saberes linguísticos cotidianos e coisas a saber: aproximações teóricas**

Na reflexão aqui proposta, adotamos a definição de Ferreira (2020) para saberes linguísticos cotidianos como “discursos sobre as línguas produzidos em relação de contato/confronto que fazem parte de nosso cotidiano”, que “não têm um lugar próprio e podem ser produzidos por qualquer um”, diferentemente dos saberes produzidos por especialistas. A análise de tais saberes tem se configurado um objeto de interesse para linguistas na medida em que permite observar como os saberes especializados atravessam os saberes cotidianos e como estes podem trazer questionamentos para aqueles. Ferreira (2020) desenvolve sua reflexão a partir da análise de paródias que jogam especialmente com o campo de possibilidades das conjugações verbais. A autora também salienta que esses saberes podem eventualmente ser institucionalizados, seja para seguir como saberes não legitimados, seja para ter sua legitimidade domesticada. Por fim, ressalta que os limites entre saberes cotidianos e saberes especializados não são estanques, podendo haver diferentes maneiras de especialização

nos saberes cotidianos e vice-versa. Na análise em tela, procuramos observar quais saberes são propostos, retomados, questionados e/ou domesticados em reflexões sobre a linguagem inclusiva de gênero e as propostas de modificações linguísticas ligadas a ela, considerando um recorte de publicações da rede social Instagram. O processo de seleção dessas publicações será apresentado na seção seguinte.

Diante de reflexões linguísticas publicadas no Instagram, adotamos a compreensão de Oliveira Souza (2023) sobre instrumentos linguísticos eventuais. O autor parte da definição de Auroux (2014), que associa a produção desses instrumentos ao processo de gramatização. Para Auroux (2014, p. 65), a gramatização pode ser definida como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Na esteira do autor, Oliveira Souza (2023, p. 21), ao analisar postagens de Instagram com reflexões metalinguísticas antirracistas, identifica esses materiais como “instrumentos linguísticos eventuais, que descrevem e instrumentalizam a língua, de maneira ocasional, que em algum momento (não sempre) assumem o ofício de um instrumento linguístico tradicional (dicionário, gramática, manuais didáticos)”. O autor relaciona a produção desses instrumentos aos saberes linguísticos cotidianos, visto sua mobilização de forma diferente da que ocorre em instrumentos como gramáticas e dicionários.

Nesse sentido, compreendemos que a divulgação de reflexões sobre linguagem inclusiva de gênero por parte de não especialistas funciona também como instrumentos linguísticos eventuais, visto que tais publicações teorizam, de forma cotidiana, sobre diferentes aspectos da língua (diferenças entre as modalidades escrita e falada da língua, marcação de gênero, morfologia e sintaxe, relações entre língua e sociedade, entre outros). Nas diferentes reflexões sobre língua que constituem esses saberes linguísticos cotidianos, é possível observar também o funcionamento de “coisas a saber” sobre língua e gênero.

Esse conceito, cunhado por Pêcheux (2002, p. 34), diz respeito a “tudo o que arrisca faltar à felicidade (e no limite à simples sobrevivência biológica) do ‘sujeito pragmático’: isto é, tudo o que o ameaça pelo fato mesmo que isto exista”. Esse conjunto, segundo o autor, é desenvolvido em redes de memória e em filiações identificadoras, o que significa que as “coisas a saber” não se desenvolvem de modo universal, mas determinadas por uma certa Formação Social e pelas Formações Discursivas em contato e em confronto. Essa noção é situada no campo da História das Ideias Linguísticas por Esteves (2014), que reflete sobre o funcionamento das enciclopédias na produção de um efeito de totalização das coisas a saber. Nas palavras do autor, “o processo discursivo engendrado

em enciclopédias também trabalha na ilusão de descrever e instrumentar, mas não a língua – embora através dela –, e sim os saberes das coisas do mundo e, em especial, as técnicas, as ciências, o conhecimento de vanguarda” (Esteves, 2014, p. 73).

Uma vez que a linguagem inclusiva de gênero traz para o campo da linguagem uma discussão sobre identidades de gênero e suas demandas de representatividade, questionamos: os instrumentos linguísticos eventuais que descrevem a linguagem inclusiva de gênero organizam coisas a saber sobre língua e gênero? Se sim, quais? Como se dá a relação entre os saberes linguísticos cotidianos e o conhecimento especializado nesses instrumentos? São essas as perguntas que nortearam as análises das materialidades selecionadas para esta reflexão.

## **| #linguagemneutra e #linguagemneutranão: saberes linguísticos cotidianos organizados sob *hashtags***

A criação de nosso arquivo a partir da rede social Instagram atende ao objetivo de encontrar reflexões metalinguísticas que produzam saberes cotidianos não institucionalizados, critério que exige uma breve explicação. Num primeiro momento da pesquisa, foram incluídas no arquivo publicações encontradas a partir do buscador Google, que apresentava majoritariamente *sites* com grande número de acessos, marcados por alguma forma de institucionalização – *sites* de empresas, por exemplo. A partir da discussão sobre o *corpus* aí extraído, foi levantado o questionamento a respeito da classificação de tais reflexões como saberes linguísticos cotidianos, visto que não foram produzidos “por qualquer um”, mas por instituições que detêm certo respaldo (se não científico, ao menos mercadológico). Nesse sentido, foi a apresentação desta pesquisa em eventos<sup>2</sup> que motivou um redirecionamento na montagem do arquivo, até chegarmos ao Instagram. O funcionamento dessa rede social, que permite a qualquer usuário nela cadastrado a divulgação pública de vídeos e imagens, acompanhados ou não por textos, facilita a circulação de saberes linguísticos cotidianos não institucionalizados, especialmente em páginas pessoais e não verificadas<sup>3</sup>.

---

2 Agradeço às contribuições das Profas. Dras. Mônica Graciela Zoppi Fontana e Claudia Regina Castellanos Pfeiffer após a apresentação de uma versão inicial deste trabalho no 70º Seminário do GEL, ocorrido em 2024, na Unicamp.

3 A ferramenta de verificação de páginas é oferecida pelo Instagram e tem como objetivo oferecer “uma forma de as pessoas saberem se as contas de destaque que estão seguindo ou pesquisando são exatamente quem elas dizem que são”. Para ter um perfil verificado, é preciso “representar uma pessoa real ou uma empresa ou entidade registrada” e “uma pessoa, marca ou entidade famosa ou muito pesquisada”. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/understanding-verification-on-instagram>. Acesso em: 13 nov. 2024.

Considerando o sistema de pesquisa da rede social Instagram, realizamos a pesquisa utilizando *hashtags*, ferramenta que permite o agrupamento de diferentes publicações que tenham sido identificadas com a utilização desse recurso. A *hashtag* que mais apresentou resultados foi a #linguagemneutra, dada a popularidade desse termo em detrimento dos demais possíveis para se referir à temática. No entanto, a maioria das publicações que utilizavam a *hashtag* à ocasião da pesquisa, em maio de 2024, apresentavam argumentos favoráveis à linguagem inclusiva de gênero. Procurando compreender como os saberes linguísticos cotidianos são produzidos também na crítica a essa prática linguística, incluímos a *hashtag* #linguagemneutranão em nossa pesquisa.

Diante de um conjunto heterogêneo de publicações, selecionamos aquelas que apresentassem reflexões sobre a língua – visto que tal temática, apesar de ter a língua como foco, por vezes embasa discussões de cunho estritamente político-partidário, não apresentando o tipo de reflexão que procuramos analisar em nossa pesquisa –, tomando o cuidado de verificar junto ao perfil da publicação se a autoria não se descrevia como tendo um conhecimento especializado sobre língua. Desse modo, foram excluídas páginas de profissionais que atuam com ensino de língua portuguesa, gramática, produção textual, linguística, comunicação e quaisquer outras áreas que pudessem desenvolver uma reflexão teórico-científica sobre o assunto.

Selecionamos, para este artigo, publicações de três páginas diferentes, que serão descritas juntamente às capturas de tela feitas dos perfis.

**Figura 1.** Perfil profissional de advogada



**Fonte:** Elaboração própria (captura de tela)

O primeiro material que selecionamos foi encontrado em uma página categorizada como empresa de *Lawyer* e *Law Firm*, uma categoria opcional do Instagram para caracterização de perfis profissionais. Na autodescrição, consta a especialidade em “Consultoria e Assessoria Tributária/ Família/ Holding familiar/ Defesa Médica/ Consumidor/ monoculares e PCD/ Esc.”. A imagem do perfil (doravante Perfil 1) é uma fotografia em preto e branco de uma mulher sentada, posando de perfil, usando vestido longo e calçado de salto alto, com

uma mão na cintura e outra mão no rosto. Dado que em nossa análise não importa o sujeito empírico, a pessoa real que publica na página, mas sim os efeitos de sentido que podem ser produzidos pela publicação de diferentes imagens e textos, desidentificamos os dados como nome de usuário, imagem do rosto e endereço da página.

**Figura 2.** Perfil de apoio à vereadora eleita



**Fonte:** Elaboração própria (captura de tela)

O segundo material que selecionamos foi publicado na página de apoio a uma “vereadora eleita na cidade de São Paulo”, “com 17.881 votos em 2020”, segundo declarado no perfil. A vereadora é descrita nesse perfil (doravante Perfil 2) como “esposa, mãe, cristã e terrivelmente cristã”, além de “uma voz que clama aos ouvidos dos Paulistanos”. A imagem do perfil é uma fotografia da vereadora diante de um microfone, vestindo uma roupa formal em tons claros, sugerindo uma situação de atuação profissional no momento da fotografia. Pelos mesmos motivos explicados quando da descrição da Figura 1, os dados que permitem a identificação da pessoa empírica da Figura 2 também foram omitidos.

**Figura 3.** Perfil de quadrinista



**Fonte:** Elaboração própria (captura de tela)

Diferentemente dos perfis anteriores, o perfil de onde selecionamos o terceiro material é um perfil de divulgação artística, com trabalhos autorais que não podem circular sem os devidos créditos, motivo pelo qual não procedemos a desidentificação do perfil. A imagem do perfil (doravante Perfil 3) apresenta um desenho de um rosto humano, e o perfil também é identificado dentro das

categorias profissionais permitidas pelo Instagram, nesse caso, como *Artist*. Na descrição, consta que se trata da página de uma “quadrinista, ilustradora, tatuadora e designer” e “pessoa não-binária”, cujo conteúdo tem como foco “ativismo ilustrado LGB(T)QI(AP)+<sup>4</sup>”.

Apresentados os perfis, passamos à apresentação dos materiais, seguida das análises.

**Figura 4.** Publicação no perfil 1, datada de 6 de janeiro de 2023



**Fonte:** Elaboração própria (captura de tela)

A publicação consiste numa repostagem de um outro perfil<sup>5</sup>: um *card* em tons claros no qual é possível ler “Aqui tem respeito a todos, mas não contem comigo para falar todes”, acompanhado da seguinte legenda:

Recorte 1:

“E isso nada tem a ver com questões políticas, religiosas ou de gênero. Não, não sou intolerante, apenas estudei português e sei que não cabe linguagem neutra na língua portuguesa. Mesmo porque, o artigo definido é que define o gênero.

O abacate é masculino e continua sendo, mesmo que termine com a letra E. A lebre é feminino mesmo que termine com E. O motorista é masculino porque o artigo que define o gênero é “o”. Então não faz sentido algum o “E” na palavra todos. Para ser neutro o artigo deveria ser neutro e isso implica reestruturar TODA a língua portuguesa.

---

4 Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e demais identidades de gênero e orientações sexuais.

5 Não é pertinente para a presente análise a descrição do perfil de onde a postagem foi republicada. É importante informar apenas que o perfil não atua nas áreas indicadas anteriormente neste artigo como aquelas que poderiam ter um conhecimento teórico-científico sobre a língua, preservando assim nosso escopo nos saberes linguísticos cotidianos.



Ademais, “todos” já inclui literalmente todos. Seja homem, mulher, homossexual, transsexual, bissexual, assexual, criança, gato, cachorro, papagaio. E absolutamente todos os seres vivos e inanimados deste planeta.

Contem comigo para respeitar TODOS, mas não esperem nunca ouvir uma linguagem neutra por aqui, porque isso vai além muito além do que eu como pessoa física e pensante julgo razoável”. #linguagemneutra #todes #desrespeitoalinguaportuguesa #linguaportuguesa #todos

O primeiro aspecto que destacamos do Recorte 1 é o seu início pela negação: é preciso negar algo que já está dado, no caso, que a linguagem neutra teria a ver “com questões políticas, religiosas ou de gênero”, o que evoca o funcionamento de um pré-construído<sup>6</sup> sobre a linguagem neutra. Na sequência do recorte, a negação também funciona para se opor a outro pré-construído: o de que o posicionamento contrário à linguagem neutra identificaria intolerância. O conhecimento institucionalizado da língua portuguesa vem contrapor esses pré-construídos linearizados no intradiscurso: o que justifica a recusa à linguagem neutra é o estudo do português e o consequente conhecimento sobre as possibilidades de marcação de gênero nessa língua.

É nesse ponto da publicação que começam a ser desenvolvidos os saberes linguísticos cotidianos que motivaram a inclusão desse recorte em nossa pesquisa. Ao discorrer sobre os gêneros de diferentes palavras, há a reprodução de um saber gramatical que atribui ao artigo a marcação de gênero, não considerando a possibilidade de marcação mórfica no substantivo. A esse respeito, destacamos que tal reflexão difere bastante do argumento mais comum para a não utilização da linguagem inclusiva de gênero, qual seja, o de que as formas que são lidas como masculinas, como “todos”, na realidade são formas sem marcação de gênero, e o gênero estaria marcado apenas nas formas femininas, como “todas”. No recorte em análise, diferentes substantivos animados e inanimados são usados como exemplos da função que o artigo cumpre na marcação de gênero: “o abacate”, “a lebre”, “o motorista”. Essa relação entre artigo e marcação mórfica de gênero pode ser pensada a partir do trabalho de Costa (2024), que revisita, em uma perspectiva discursiva em diálogo com a História das Ideias Linguísticas, as explicações de Mattoso Camara Jr. sobre

---

6 A noção de pré-construído que mobilizamos aqui é aquela trabalhada na Análise de Discurso materialista. Com base em Henry (1990, p. 61), que define o pré-construído como “efeito subjetivo de anterioridade, de implicitamente admitido etc.”, Courtine (2014, p. 74) explica o funcionamento do pré-construído produzindo sentidos que completam aqueles que são construídos na enunciação, remetendo “às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: ‘o que cada um sabe’ e simultaneamente ‘o que cada um pode ver’ em uma dada situação”. Para Pêcheux (1999 [1983]), tais pré-construídos são evocados pela memória discursiva, sendo uma condição para a legibilidade.

flexão de gênero em língua portuguesa. Sobre a relação em tela, Costa (2024, p. 213-214) resume as explicações do autor da seguinte forma:

[...] quando há oposição de gênero entre duas formas, como em menino e menina, a desinência -a não se opõe à vogal temática -o, mas o gênero feminino se significa em oposição ao masculino. Quando não há essa oposição, considera-se que o -a final de palavras como rosa, artista e poeta, não é o mesmo de menina, passando a ser classificado como vogal temática e, portanto, passando a compor o tema do vocábulo. Nesses casos, como dito, entende-se que o gênero da palavra não é marcado morficamente, mas morfossintaticamente pelo processo de adjunção (a rosa, o/a artista, o poeta).

Diante disso, compreendemos que parte dos saberes linguísticos articulados no Recorte 1 encontra alguma consonância com saberes gramaticais especializados, pois identifica a importância do artigo para a marcação de gênero, descrevendo assim, ainda que sem utilizar tal terminologia, o funcionamento de formas de marcação morfossintática de gênero, conforme explicado por Camara Jr. (1975) e retomado por Costa (2024). No entanto, apenas parte desse saber especializado é retomado, visto que a existência de marcação mórfica em certos substantivos – como “menina”, para retomar o exemplo de Costa (2024) – é silenciada em detrimento de uma teorização que, restringindo a marcação de gênero aos artigos definidos, justifica a partir deles a impossibilidade de neutralidade na língua portuguesa. Além disso, as regras gramaticais, nesse recorte, são mobilizadas numa relação de paráfrase com a língua: se, enquanto linguistas, compreendemos que língua e gramática não são sinônimas, dentre os saberes linguísticos cotidianos é comum uma compreensão diferente dessa relação, como se gramática e língua fossem um mesmo objeto.

Um segundo aspecto a ser destacado diz respeito à explicação “Para ser neutro o artigo deveria ser neutro e isso implica reestruturar TODA a língua portuguesa”, que materializa um saber sobre mudança linguística. Se compreendemos enquanto linguistas que esta segue um padrão e que há uma tendência a permanecer restrita à categoria afetada, uma perspectiva de mudança linguística como a apresentada no recorte aponta para um saber cotidiano que não categoriza as mudanças: desse ponto de vista, a mudança nos artigos implicaria uma reestruturação completa da língua. Nesse sentido, em que consistiria a língua projetada nesse recorte? Numa sequência de pronomes e substantivos? Categorias como preposições, verbos, conjunções, interjeições, entre outras que não exigem marcação de gênero, não são consideradas nessa projeção de reestruturação de toda a língua portuguesa.

Além disso, voltando nosso olhar para as “coisas a saber”, observamos os elementos elencados no recorte como contemplados por “todos”: “homem, mulher, homossexual, transsexual, bissexual, assexual, criança, gato, cachorro, papagaio”. Há uma alternância entre identidades de gênero (homem, mulher, transexual), orientações sexuais (homossexual, bissexual, assexual), idade (criança) e espécies (gato, cachorro, papagaio). Essa lista diversificada produz o efeito de sentido de contemplar “literalmente todos”, ao mesmo tempo em que silencia as possíveis diferenças que demandariam diferentes formas gramaticais. As identidades de gênero não binárias, por exemplo, demandantes fundamentais da linguagem inclusiva de gênero, não são mencionadas no recorte. Compreendemos, assim, que há uma organização de coisas a saber muito mais voltada aos saberes linguísticos cotidianos (as estruturas de gênero e as funções dos artigos) que às identidades de gênero e suas possíveis demandas.

O segundo material que selecionamos para análise foi publicado no Perfil 2, conforme segue:

**Figura 5.** Publicação no Perfil 2, datada de 14 de fevereiro de 2023



**Fonte:** Elaboração própria (captura de tela)

A publicação consiste em oito *cards* que apresentam argumentos contra a linguagem neutra, acompanhados por uma legenda. Dada a limitação de espaço, focaremos nossa análise no primeiro *card*, que funciona como uma espécie de capa da publicação, podendo por isso ser considerado o mais importante, e na legenda, que será apresentada como Recorte 2. No *card* em tela, há a imagem de uma mulher de cabelos soltos e óculos, com a boca tapada por uma fita adesiva que funciona imagetivamente como mordada, à frente de um fundo com a palavra “todes” escrita repetidas vezes. Seus braços, fora do plano visual, estão tapados pelo texto do *card*, não sendo possível afirmar se também estão

presos, apesar de este ser um efeito imagético possível. O *card* conta com o seguinte texto: “A linguagem neutra é excludente, elitista e opressiva”, em letras garrafais, e, com letras menores e menos destaque, “Milhões de deficientes visuais, auditivos e disléxicos serão excluídos com a imposição da Linguagem Neutra, a agenda ideológica que vem apenas agradar uma elite autoritária.”. A publicação é acompanhada da seguinte legenda:

Recorte 2:

A imposição da Linguagem Neutra nas salas de aula – e, tudo indica, futuramente em órgãos públicos em geral – prejudicará milhões de pessoas com deficiência (PCD’s).

Os deficientes visuais e auditivos serão os mais atingidos por esse processo de corrupção do idioma, sancionado e autorizado por aqueles que deveriam zelar pela identidade do povo.

São mais de 6 milhões de deficientes visuais e mais de 9 milhões de deficientes auditivos, além de 8 milhões de disléxicos, que dependem de sistemas elaborados de comunicação como meio de se conectar à sociedade.

Eles serão prejudicados já que a atualização de sistemas como a LIBRAS e o Braile não é um processo simples. O aprendizado para quem estiver se familiarizando com esses sistemas ficará muito mais complexo e confuso.

A língua portuguesa não é machista. A gramática não foi e nem pode ser “planejada”, mas evoluiu de acordo com a vida cotidiana, as tradições e valores do povo.

A Linguagem Neutra, contudo, despreza a história da língua, sua origem e sua base cultural sólida.

Para os militantes, tudo é obra de opressores. É mentira.

Tudo o que envolve a Linguagem Neutra está baseado na mentira.

#naoalinguagemneutra #linguagemneutranão #foraideologiadegênero

#pcds #librasporamor #linguaportuguesa #gramatica #educação

#anossabandeirajamaisserravermelha #bolsonarotemraçãoBRBR

#mulheresnapolitica

Tanto o *card* da Figura 5 quanto a legenda apresentada no Recorte 2 sustentam uma mesma argumentação: a de que a Linguagem Neutra dificultaria a vida de um determinado público, qual seja, o de pessoas com deficiência. Voltando nosso olhar aos saberes linguísticos cotidianos que podem ser identificados nesses materiais, destacamos uma aparente equivalência entre a Língua Portuguesa, a Língua Brasileira de Sinais e o Braile (este último, numa perspectiva teórica, não é considerado uma língua, mas um sistema de escrita que pode ser utilizado

por diferentes línguas). A questão da marcação de gênero, tão enfatizada no Recorte 1, funciona aqui como um já sabido: não é preciso explicá-la, tampouco explicar a Linguagem Neutra, apenas contestar seus efeitos em certos grupos sociais. Na perspectiva dos saberes linguísticos especializados, compreende-se que a Libras é uma língua com regras próprias não apenas para a marcação de gênero: uma língua gestual, com uma gramática e uma sintaxe que diferem muito da Língua Portuguesa. No entanto, ao ocuparem um mesmo espaço de enunciação (Guimarães, 2002), podem produzir um imaginário que sustenta alguns dos saberes linguísticos cotidianos identificados no Recorte 2: o de que uma mudança na Língua Portuguesa implicaria mudanças em Libras, dificultando “o aprendizado de quem estiver se familiarizando com esses sistemas”.

Um segundo aspecto a ser destacado toca novamente na questão da mudança linguística: nessa perspectiva, a língua “evoluiu de acordo com a vida cotidiana, as tradições e valores do povo”, ao passo que “A Linguagem Neutra, contudo, despreza a história da língua, sua origem e sua base cultural sólida”. As mudanças diacrônicas, que são um consenso nos saberes linguísticos especializados, embasam nesse recorte a elaboração dos saberes linguísticos cotidianos, endossando a reflexão de Ferreira (2020) sobre os atravessamentos recíprocos entre os saberes especializados e não especializados. No material em análise, é criada uma dicotomia entre uma língua que evolui “de acordo com a vida cotidiana, as tradições e valores do povo” e uma Linguagem Neutra que “despreza a história da língua, sua origem e sua base cultural sólida”, sem considerar, por exemplo, que as demandas que motivam a Linguagem Neutra possam integrar “a vida cotidiana, as tradições e valores do povo”, a depender de quais grupos que compõem esse “povo” se estiver considerando. Cotejando a legenda com a inscrição do *card*, que caracteriza a Linguagem Neutra como “excludente, elitista e opressiva”, identificamos o funcionamento de um imaginário sobre “povo” que compreende as pessoas com deficiência, por exemplo, excluídas pela Linguagem Neutra, mas não pessoas que questionem as regras da língua. A estas é reservada a designação de “militantes”, antagonizadas de forma rivalizada com “povo”.

Quaisquer questões referentes a gênero não são contempladas nas coisas a saber organizadas por esse material. Estas se limitam aos saberes sobre língua, e poderiam ser resumidas da seguinte forma: a) a língua muda; b) há certos critérios para a mudança das línguas; c) esses critérios não são respeitados por aqueles que propõem a Linguagem Neutra; d) novas formas de linguagem afetam pessoas com deficiência. Se, por um lado, essas coisas a saber demonstram que parte dos conhecimentos especializados sobre língua foram incorporados ao conhecimento não especializado, por outro lado perduram

percepções equivocadas, como a confusão entre Língua Portuguesa e Libras, que não encontram qualquer respaldo junto aos conhecimentos especializados, o que demonstra a não homogeneidade dessa relação entre saberes linguísticos cotidianos e saberes especializados.

O terceiro e último material que trazemos para análise foi selecionado de uma série produzida no Perfil 3, intitulada “Linguagem”. A série é composta por três diferentes publicações, que consistem em *cards* com textos explicativos sobre a relação entre gênero e linguagem. Todas as publicações apresentam um mesmo formato de legenda, que consiste em uma breve explicação sobre a publicação e um texto que se repete em todas as publicações, conforme segue:

Recorte 3:

Começando a série sobre linguagem, seria algumas tiras falando sobre linguagem, da usual a neutra.

Nas últimas semanas, na verdade eu diria meses e até mesmo anos, a linguagem neutra vem sendo atacada e ridicularizada de diversas formas. Tudo pelo mais puro preconceituoso e até mesmo birra em não querer aprender algo novo.

#lgbtqiap #LGBTQIA #naobinariiedade #naobinario #naobinarie  
#quadrinhos #tirinhas #tiras #LittleGoat #Littlegoatcomic #Littlegoatarts  
#pride #orgulholgbt #OrgulhoPan #Trans #linguagem #linguagemneutra  
#pronomeneutro #portugues

Para análise junto ao Recorte 3, selecionamos dois *cards* que compõem a primeira publicação da série:

**Figura 6.** Publicação do Perfil 3, datada de 7 de março de 2023



**Figura 7.** Publicação do Perfil 3, datada de 7 de março de 2023



**Fonte:** Elaboração própria (captura de tela)

**Figura 8.** Publicação do Perfil 3, datada de 7 de março de 2023



**Fonte:** Elaboração própria (captura de tela)

A Figura 6 apresenta duas pessoas trajando vestidos longos, sugerindo roupas de época, sugestão endossada pelo diálogo “Vosmecê gostaria de sair para um passeio?” “Seria adorável”. Acima das personagens, o *card* apresenta o seguinte texto como narração, fora do diálogo: “A forma como as pessoas se comunicavam é totalmente diferente da forma como nos comunicamos hoje, assim como é diferente de 1000 anos atrás, de 100 anos atrás, de 10 anos atrás ou até mesmo 1 ano atrás.”. As Figuras 7 e 8, que são a sequência da publicação, seguem o mesmo tipo de organização da Figura 6: há um texto de narração acima das personagens, e há uma fala atribuída às personagens dentro de balões de fala.

No caso da Figura 7, o texto de narração apresenta: “O mundo está em constante mudança, afinal, são mais de 8 bilhões de pessoas em diversos países, com diversas etnias e culturas, ideologias, realidades, condições, entre outros”. Abaixo do texto, há duas personagens, que se diferenciam principalmente pela aparência dos cabelos: enquanto uma delas apresenta cabelo curto, descoberto, outra tem a cabeça coberta por um tecido que podemos identificar como um *hijab*, véu utilizado por mulheres na cultura islâmica. Ambas as personagens conversam em inglês, e suas falas aparecem traduzidas para o português no mesmo balão de fala, com uma fonte menor, conforme segue: “It will complete 3 months that I’m here studying. Vai completar 3 meses que estou aqui estudando.”; “Oh, this’s really cool! Oh, isso é muito legal!”.

Finalmente, a Figura 8 apresenta o seguinte texto como narração: “Essas mudanças exigem que a língua se adapte para comportar essas necessidades humanas. É uma lei natural, assim como qualquer elemento pode se adaptar as diversas condições”. Diferentemente das personagens anteriores, a personagem apresentada na Figura 8 não dialoga com nenhuma outra personagem no *card*, que apresenta apenas ela, e seu balão de fala parece direcionado ao leitor:



“Inclusive nosso próprio corpo, que se adapta fisiologicamente à determinadas condições que são impostas durante meses, anos, séculos”. A personagem está sentada numa cadeira de rodas, com roupas que deixam uma tatuagem do braço à mostra.

O primeiro ponto que destacamos dessas imagens em cotejamento ao Recorte 3 é a relação construída entre língua e temporalidade. O Recorte 3 constrói essa relação a partir das críticas feitas à linguagem neutra, “atacada e ridicularizada de diversas formas” “nas últimas semanas, na verdade eu diria meses e até mesmo anos”. Tal descrição da linguagem neutra a posiciona como um processo não pontual, mas com uma duração que permite observar, ao longo do tempo, regularidades quanto à sua inserção social (ou falta dela). Nesse sentido, as Figuras 6, 7 e 8 se voltam à explicação das mudanças na língua, ponto no qual nos detemos para refletir sobre os saberes linguísticos cotidianos.

Ao mesmo tempo em que podemos atribuir o estudo das mudanças linguísticas a diferentes áreas da Linguística, tais como Linguística Histórica ou Sociolinguística, é interessante observar que esse processo foi reconhecido e mencionado desde a obra que consagra a Linguística como ciência autônoma, qual seja, o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 2012), que estabelece uma distinção entre Linguística Sincrônica e Linguística Diacrônica. Compreendemos, assim, que reconhecer as mudanças pelas quais a língua passa pode não ser o objeto central de diferentes áreas da Linguística, mas funciona como um consenso entre o conhecimento linguístico especializado: línguas vivas mudam. Desse modo, identificamos novamente um atravessamento dos saberes especializados nos saberes linguísticos cotidianos: as mudanças diacrônicas, ainda que não mencionadas com essa terminologia, são o que embasam a reflexão não especializada sobre língua apresentada no Recorte 3 e nas figuras que o acompanham.

Num exercício de cotejamento das materialidades selecionadas do Perfil 2 e do Perfil 3, identificamos que um mesmo saber linguístico especializado, qual seja, o da mudança diacrônica, é mobilizado de forma diferente em ambas as publicações: na do Perfil 2, a linguagem neutra é colocada em oposição às mudanças diacrônicas, visto que desprezaria a história da língua, cuja “evolução” estaria ligada “com a vida cotidiana, as tradições e valores do povo”. No Perfil 3, as mudanças da língua são justificadas pelas mudanças do mundo, compreendidas como consequência das diferenças culturais relacionadas à quantidade de “pessoas em diversos países”. A língua, na análise em tela, figura como algo que “se adapta” conforme as “necessidades humanas”, num paralelo entre língua e corpo. Enquanto a publicação do Perfil 2 critica a linguagem



neutra como algo externo às “tradições e valores do povo”, a publicação do Perfil 3 incorpora esse povo em sua diversidade e diferentes necessidades cotidianas para justificar as mudanças linguísticas – que iriam desde a redução de “vosmecê” até a linguagem neutra.

Quanto às coisas a saber na publicação do Perfil 3, nas materialidades selecionadas, estas se limitam aos saberes sobre língua, não abordando de forma explícita questões de gênero. Por se tratar de uma série com diferentes publicações, as questões de gênero são abordadas posteriormente, em publicações que não integram este texto devido à necessidade de delimitação do *corpus*.

## **| Considerações finais**

Ao cotejar materiais que desenvolviam argumentos contrários e favoráveis à linguagem inclusiva de gênero, procuramos identificar como os saberes linguísticos cotidianos comparecem nessas reflexões. Das análises, identificamos alguns aspectos que retomamos de forma breve à guisa de conclusão.

O primeiro deles é o funcionamento da linguagem neutra como já sabido. Dentre os saberes linguísticos apresentados nos recortes, não há uma definição de linguagem neutra, não há uma explicação de como identificar essa linguagem, há apenas reflexões sobre alguns de seus aspectos – como sua relação com a sociedade ou com as regras gramaticais da língua portuguesa, por exemplo.

Um outro aspecto diz respeito à organização das coisas a saber nesses instrumentos linguísticos eventuais. Ainda que todo o debate sobre a linguagem inclusiva de gênero seja atravessado por questões de identificações de gênero, nos recortes aqui analisados tais questões não comparecem como coisas a saber. Estas, nas análises, centram-se sobre questões linguísticas e gramaticais, permanecendo as questões de gênero também como já sabidos – ou não pertinentes para as reflexões.

Por fim, destacamos as relações identificáveis entre os saberes linguísticos especializados e os saberes linguísticos cotidianos. Se Ferreira (2020) pontua que as fronteiras entre esses saberes não são estanques, as análises aqui desenvolvidas apontam para esse mesmo sentido: os saberes especializados atravessam e fundamentam alguns dos saberes cotidianos, delineando reflexões sobre mudanças linguísticas, regras gramaticais e relações entre língua e sociedade, assuntos teorizados por diferentes correntes da Linguística. Um ponto interessante a se observar nesse atravessamento é que um mesmo saber

que encontra respaldo no campo da Linguística – como a mudança diacrônica da língua – pode ser mobilizado enquanto saber linguístico cotidiano para sustentar argumentações diferentes, como observamos no cotejamento entre os recortes 2 e 3, que mobilizam tal mudança para explicar, respectivamente, a impossibilidade e a possibilidade da linguagem inclusiva de gênero.

Nesse sentido, a análise dos saberes linguísticos cotidianos possibilita observar de que forma os saberes sobre língua são desenvolvidos para além dos círculos de especialistas, como os saberes especializados integram os saberes cotidianos e como estes organizam coisas a saber, discorrendo sobre algo além de língua quando a tematizam. A análise da discussão sobre linguagem inclusiva de gênero, em especial, considerando a importância política e social que o assunto tem tido contemporaneamente, demonstrou-se um objeto de grande potencial para a reflexão sobre as diferentes organizações de saberes em sua relação com a língua.

## **Referências**

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.

CAMARA JR, M. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COSTA, T. de A. da. Historicidade do conceito de gênero no discurso linguístico-gramatical no/do Brasil a partir de dizeres mattosianos. *In*: DOMINGUEZ, M. G. A.; VELOZO, N. de A.; COSTA, T. de A. da (org.). **Políticas de língua, políticas na língua: reflexões sobre diversidade de gênero e inclusão**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 201-232.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

ESTEVES, P. M. da S. **O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1863-1973)**. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FERREIRA, A. C. F. Saberes linguísticos cotidianos. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 324-351, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10399>. Acesso em: 19 jul. 2023.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

HENRY, P. Construções relativas e articulações discursivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 19, p. 43-64, jul./dez. 1990.

OLIVEIRA SOUZA, M. Um instrumento linguístico eventual: a “dicionarização antirracista de Instagram”: the “anti-racist dictionarization of Instagram”. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 216-242, 2023. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/17068>. Acesso em: 5 jul. 2024.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento, Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

#### **Como citar este trabalho:**

MEDEIROS, Laís Virginia Alves. Saberes linguísticos cotidianos no Instagram: uma análise de publicações sobre linguagem inclusiva de gênero. **Revista do GEL**, v. 22, n. 1, p. 220-238, 2025. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 10/10/2024 | Aceito em: 10/12/2024.